



“Uma escolha difícil?” Refletindo como os estudantes pensam a escolha do Itinerário Formativo do Novo Ensino Médio sobre o olhar do PIBID em Ciências Sociais

Luciano Damorin ¹
Nicolle Montalvão ²

RESUMO

Este Relato de Experiência do PIBID/UEM de Ciências Sociais, tem como objetivo explorar as dinâmicas do Novo Ensino Médio no ensino regular, levantando pontos que dizem respeito à escolha do Itinerário Formativo, realizada pelos estudantes ainda no final do primeiro ano do ensino médio. A partir do acompanhamento das aulas de Sociologia da 2ª série do Itinerário de Ciências Exatas e da Natureza, do Ensino Médio em um Colégio Estadual na cidade de Maringá - Paraná, percebemos através da observação e de conversas intermediadas com os alunos, a existência de diversos fatores como a influência institucional, dos professores, da família e até imposições por parte do sistema educacional, portanto, a negação de uma real escolha por parte do estudante. Nesse sentido, vamos refletir sobre esses fatores relatando como os mesmos nos ajudam a pensar de maneira crítica, a partir da observação sociológica e com os referenciais teóricos debatidos nas reuniões do PIBID, os desdobramentos desse novo modelo de ensino dividido por itinerários formativos, inclusive em relação ao ingresso no ensino superior, haja vista que vários alunos despertaram preocupação quanto a não se sentirem realmente preparados para exames como o ENEM e vestibulares que contemplam todas as disciplinas, enquanto eles estão direcionados para conteúdos específicos.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio, PIBID, Ciências Sociais, Itinerário Formativo.

INTRODUÇÃO

A partir da experiência possibilitada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, e obtida pelo graduando Luciano Damorin, e a professora supervisora Nicolle Montalvão, buscamos explorar as dinâmicas do Novo Ensino Médio no ensino regular, levantando pontos que dizem respeito à escolha do Itinerário Formativo (IF).

1 Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - PR, ra139972@uem.br;

2 Doutoranda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - PR e Professora Supervisora PIBID, nicolle.mp@gmail.com.





Em contato com as aulas de Sociologia da 2ª série do Itinerário de Ciências Exatas e da Natureza, do Ensino Médio em um Colégio Estadual na cidade de Maringá - Paraná, tivemos acesso às experiências, vivências e opiniões dos estudantes em relação ao Novo Ensino Médio e ao Itinerário Formativo, o que suscitou em nós curiosidade e inquietações para compreender melhor a escolha dos alunos e alunas. Percebemos, por exemplo, como o desempenho da turma em geral é bom na área da Sociologia, inclusive em comparação com as outras turmas do Itinerário de Linguagens e Ciências Humanas, por isso questionamos e tivemos noção de como a opção pelos itinerários apresentava diversos fatores para além de uma simples escolha individual.

Primeiramente, sobre o “Itinerário Formativo”, vale ressaltar que se trata de um “conjunto de unidades ofertadas pelas instituições e redes de ensino que possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos e se preparar para o prosseguimento de estudos ou para o mundo do trabalho”, conforme a Resolução CNE/CEB n.º 03/2018 (BRASIL, 2018), que atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM). No Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná (2025), “os Itinerários Formativos (IF) se constituíram na parte flexível do currículo, na qual o estudante teve a possibilidade de escolher qual trajetória escolar cursar” (p. 18). Tal escolha é realizada pelos estudantes ainda no final do primeiro ano do Ensino Médio.

Desta maneira, este Relato de Experiência se justifica por compreendermos que a escolha precoce e conduzida por muitos fatores além da vontade individual de trilhar determinada trajetória escolar escancara alguns pontos de inflexão que buscamos levantar e refletir, em especial sobre os impactos que esse novo modelo de ensino, dividido por Itinerários Formativos, podem causar na formação, inclusive em relação ao ingresso no Ensino Superior, haja vista que vários alunos despertaram preocupação quanto a não se sentirem realmente preparados para exames, como o ENEM e vestibulares, que contemplam todas as disciplinas, enquanto eles estão direcionados para conteúdos específicos.

METODOLOGIA

A realização deste relato se deu através do acompanhamento das aulas de Sociologia da 2ª série do Itinerário de Ciências Exatas e da Natureza, do Ensino Médio em um Colégio Estadual na cidade de Maringá - Paraná, através da observação e de conversas intermediadas





com os alunos e alunas durante as discussões em aulas dialogadas, ao longo dos dois primeiros trimestres do ano letivo.

Em geral, seguíamos com os conteúdos normais, previstos no currículo de Sociologia. Os questionamentos colocados em diálogo com os estudantes foram se dando em sala, durante as aulas, principalmente em momentos de atividades em grupos ou em duplas. As conversas mediadas se davam ora pela professora, vinculando diretamente as questões ao conteúdo da aula, ora pelo graduando em contato direto com os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A priori, a escolha do Itinerário Formativo, feita ainda no final do 1º ano do ensino médio, é idealizada de maneira que o estudante a faça de forma lúcida e individual, considerando sua vontade em relação à trajetória que quer seguir. De acordo com o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná (2025),

O desenvolvimento do projeto de vida, articulado à formação integral do sujeito, promove a construção de competências e habilidades essenciais para que os estudantes façam escolhas conscientes, assumam o caminho do protagonismo e atuem de forma crítica e participativa na sociedade (p. 44)

Porém, o que percebemos foi a existência de diversos fatores que ignoram ou secundarizam a vontade do aluno. Os alunos disseram sentir pressões institucionais, familiares, do corpo docente, de amigos, entre outras pressões externas, ou seja, a negação de uma real escolha por parte do estudante. Assim, ressaltamos os principais pontos levantados pelos estudantes e que nos levaram a pensar sobre o impacto negativo da divisão do Novo Ensino Médio em Itinerários Formativos, como resultados deste relato de experiência.

Uma faceta dos problemas oriundos desse novo modelo, diz respeito ao momento literal de escolha dos alunos, sobre o Itinerário Formativo, e a problemática sobre ser, ou não, realmente uma escolha. Nas conversas com os alunos, alguns relataram que na verdade pediram outro IF, que não fosse o de Ciências Exatas e da Natureza, e receberam a resposta de que não havia mais vagas nas outras turmas ou, em alguns casos, simplesmente foram colocados em outro itinerário sem ao menos uma explicação.

Houve também alunos que relataram situações e falas de docentes que explicitaram uma extrema influência no momento da escolha do Itinerário Formativo por parte de professores,





principalmente os de Ciências Exatas, para que os estudantes escolhessem essa área, alegando que “Humanas não é tão importante”, induzindo, portanto, o aluno a uma escolha enviesada. Ou seja, o que os alunos observaram foi uma influência institucional do corpo docente e pedagógico na tentativa de “juntar” aqueles que são considerados “melhores” alunos, independente de suas afinidades, para a criação de turmas “boas”, com bom rendimento e desempenho escolar, enquanto aqueles que são considerados “piores” alunos, deveriam buscar o IF de Humanas. Tal posicionamento dos docentes da área de Exatas apenas reforçam uma ideia utilitarista de ensino:

O professor da Universidade Fronteira Sul e doutor em Educação, Regis Clemente, ressalta que a mudança foi feita de forma autoritária, através de uma lei provisória de 2017. “Quando se toma essa decisão por meio de medida provisória, ele fere um princípio básico, que seria fazer uma consulta, fazer audiências para ver o que mudar, como mudar”, explica. Segundo ele, o que fundamentou a reforma do ensino médio foi uma visão empresarial. Por isso, o ensino de disciplinas utilitaristas foi priorizado. “Disciplinas de humanas são tratadas como conhecimentos secundários, às vezes desnecessários, por uma sociedade que preza por conhecimentos utilitaristas”, avalia. (PROENÇA, 2025).

Em suma, esse antagonismo se demonstra quando os alunos com menor rendimento escolar escolhem, de fato, o Itinerário de Ciências Humanas e Linguagens com o único objetivo de considerarem mais fácil para passar de ano, em comparação com Exatas. Portanto, fica evidente a segregação dos estudantes pela própria escola, com esse explícito intuito de influenciar os “melhores” alunos a escolherem Ciências Exatas e da Natureza, e os “piores” a escolherem as Humanas para, no fim, ocorrer essa distinção de turmas boas e as que são mais “trabalhosas” ou “bagunceiras”, como os estudantes relataram.

Também há o aspecto de que, no final do primeiro ano, momento do qual os alunos fazem sua escolha em relação ao IF, muitos priorizam suas amizades e afinidades, isto é, preferem que seu grupo de amigos fiquem juntos na mesma turma, consequentemente no mesmo itinerário, mesmo que cada amigo tenha um perfil, aptidão e pretensão diferente, seguindo portanto, na contramão do objetivo da reforma, que é direcionar os alunos para sua área profissional já nos últimos anos do ensino médio, contudo, muitas vezes os alunos, com seus 15, 16 anos, tem como prioridade suas amizades.





Além das influências anteriormente citadas, há também aquelas de cunho familiar, muitos alunos relataram que seus pais e familiares foram decisivos no momento da escolha do IF. Alguns pais acreditam que as matérias de Exatas são as mais importantes em todos os aspectos da vida, desde a escola até a faculdade. Eles também pensam que os estudantes da área de Ciências Exatas têm maiores chances de conseguir bons empregos na vida adulta.

Outro problema dessa reforma é como os alunos se sentiram pressionados no momento dessa escolha, pois segundo os próprios, eles se consideraram muito novos para saber seus próprios gostos, a área de atuação que querem seguir para a vida, basicamente, a pressão exercida para os jovens recém formados no ensino médio para já saber a faculdade e o rumo que querem seguir na vida, foi antecipada em dois anos, ou seja, no final do primeiro ano do ensino médio, quando já precisam ter algumas dessas respostas para poder realizar a escolha do itinerário.

Essa questão se acentua com o total desamparo por parte da escola com os alunos no momento da escolha. Apesar de existir componentes curriculares voltados para isso, como Projeto de Vida, os mesmos relataram que não houve nenhum tipo de explicação sobre os itinerários, suas áreas, matérias, como esse processo iria ocorrer, nenhuma oficina para ajudá-los a entender melhor e direcioná-los para fazer a melhor escolha, mais especificamente, nessa referida escola, os alunos no final do primeiro ano simplesmente receberam uma folha para preencher e escolher entre “Português e Matemática”, pois o colégio oferece apenas dois itinerários, o de Ciências Exatas e da Natureza e o de Ciências Humanas e Linguagens.

Ainda no que diz respeito ao momento de escolha, alguns alunos do itinerário de Ciências Exatas e da Natureza colocaram como motivo de suas escolhas o fato de ser mais fácil estudar os conteúdos de Ciências Humanas por conta própria, mesmo que esses alunos, gostem dessa área, ou até mesmo pretendam fazer carreira nela, escolhem ter o auxílio da escola com a ênfase nos conteúdos que na verdade, menos gostam, e mais tem dificuldade. Esse tipo de atitude ressalta como a preocupação dos alunos em estudar todas as matérias cobradas nos exames, muitas vezes está acima de suas preferências, e como a divisão por itinerários, coloca os alunos em várias posições e situações difíceis, pelos vários problemas supracitados.

Isso reflete como, a escolha que deveria ser feita pela afinidade, aptidão e pensando no futuro sobre qual área seguir, uma escolha tão importante que pode ter impacto nas mais diversas esferas da vida do aluno, pode muitas vezes ser influenciada por outros fatores.





Por conseguinte, entre diversos pontos de vista, uma preocupação prevalece: o ingresso no ensino superior através do ENEM e dos vestibulares. Os alunos têm muita preocupação, quanto a realização dessas provas e sobre como eles não se sentem verdadeiramente preparados, haja vista que, apesar do ensino médio ter sido reformulado, e novas matérias terem sido acrescentadas, enquanto algumas tradicionais diminuíram sua carga horária, o ENEM que é a forma na qual os estudantes mais ingressam no ensino superior, continua inabalável, com as mesmas matérias sendo cobradas e os mesmos pesos, independentemente do IF cursado pelo aluno.

Nesse sentido, na opinião geral dos estudantes, apenas o ensino escolar não é suficiente para ingressar no ensino superior, justamente pela falta de contato com os conteúdos de fora dos seus Itinerários Formativos, portanto, julgam indispensável se dedicar aos estudos por conta própria, para aumentar as chances nos certames, consequentemente, os alunos recorrem a cursinhos pagos, ou materiais gratuitos na internet, contudo, em muitos casos isso não é possível, pois os alunos não têm condições de pagar um cursinho pré vestibular, em outros casos os alunos precisam trabalhar no contraturno, e outros, relatam que o simples fato de conciliar a escola com sua cobrança por resultado, realização de provas e atividades, com o estudo extra escolar, também é inviável. Além da maior diferenciação entre ensino privado e ensino público:

Nas escolas privadas é comum encontrar maior variedade de itinerários formativos nas áreas de linguagens, ciências da natureza, ciências humanas e matemática, além de formações voltadas para o mercado de trabalho e uso de tecnologias. Já nas escolas públicas, oferecem apenas um ou dois itinerários, frequentemente limitados à área de linguagens ou humanas, por falta de professores especializados, estrutura e recursos financeiros. Isso acaba aprofundando a desigualdade de oportunidades entre os dois sistemas. (PROENÇA, 2025).

Desta forma, todos esses problemas acentuam ainda mais a desigualdade social na Educação, pois os alunos com maior poder aquisitivo podem pagar e realizar um cursinho, enquanto alunos normalmente de escolas públicas, pelas realidades anteriormente mencionadas, não conseguem estudar todas as matérias e se sentem, como experienciado pelos próprios alunos, extremamente despreparados para realizar o ENEM e as demais formas de ingresso do ensino superior.



Desta maneira, a partir de nossa experiência relatada, fica evidente os impactos e falácias que o Novo Ensino Médio têm gerado aos estudantes da Educação Pública no Paraná e no país. A iniciar pela própria escolha do Itinerário Formativo por parte dos estudantes, que não tem sido realizada do modo como o idealizado no Referencial Curricular para o ensino médio do Paraná e, por consequência, da BNCC, sendo uma opção feita de maneira burocrática e protocolar para muitos. Tem sido literalmente uma escolha difícil para boa parte dos estudantes de ensino médio de escola pública.

Por fim, porque escancara um enorme problema educacional, pois uma das funções fundamentais da Escola é fornecer todo o preparo, base e conteúdo necessário para a realização dos exames para ingresso no ensino superior, e uma reforma tão grande como a do Novo Ensino Médio, não deveria aumentar a desigualdade social e dificultar esse ingresso, principalmente para aqueles que tem a escola como a única fonte de conhecimento e aprendizado. Além de afetar a formação geral dos alunos: “A escolha de área de ênfase na formação do aluno, retrocedendo a uma formação fragmentada que comprometeria a formação geral de todos” (CORTI, 2019, p.69)

Por conseguinte, se faz necessário a ampliação deste campo de pesquisa e do debate crítico acerca dos impactos do Novo Ensino Médio na formação dos estudantes para que se busque proposições coletivas, viáveis e democráticas para a solução destes problemas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CORTI, Ana. Ensino médio entre a deriva e o naufrágio. In: **CÁSSIO, Fernando** (Org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 67–74.

NUNES, Débora P. R. Teoria, pesquisa e prática em Educação: a formação do professor-pesquisador. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97–107, jan./abr. 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná: volume 1 — Texto introdutório* (versão em consulta pública). Curitiba: SEED-PR, 2025. Disponível em:





https://professorescoladigital.pr.gov.br/site/professores/arquivos_restritos/files/documento/2025-05/rcp_em_consulta_publica_voll.pdf. Acesso em: 31 ago. 2025.

PROENÇA, Gabriele; GRZEBIELUCKA, Amanda; MASCARANHAS, Maria Cecília; GOMES, Eduarda; ANDRÉ, Hendry Anderson; ROSSO, Aline; FURTADO, Kevin Kessler. Os impactos da reformulação do novo ensino médio na educação. *Periódico*, Ponta Grossa, 7 maio. 2025. Disponível em: <https://www2.uepg.br/periodico/os-impactos-da-reformulacao-do-novo-ensino-medio-na-educacao/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

REDAÇÃO INTEGRADA UEPG. Novo ensino médio compromete preparação para vestibulares. *Periódico*, Ponta Grossa, 27 ago. 2025. Disponível em: <https://www2.uepg.br/periodico/novo-ensino-medio-compromete-preparacao-para-vestibulares/>. Acesso em: 20 out. 2025.

REDAÇÃO INTEGRADA UEPG. Implementação do modelo de ensino médio de 2022 amplia desigualdades sociais. *Periódico*, Ponta Grossa, 09 jun. 2025. Disponível em: <https://www2.uepg.br/periodico/novo-ensino-medio-compromete-preparacao-para-vestibulares/>. Acesso em: 20 out. 2025.

